

LUTÁVAMOS NO CHÃO FRIO DO CORREDOR. Do consultório do dentista vinha o barulho incisivo da broca. E nós dois a lutar deitados, às vezes rolando pela escada da portaria abaixo. Crianças, trabalhávamos no avesso, para que as verdadeiras intenções não fossem nem sequer sugeridas. Súbito, os dois corpos pararam e ficaram ali, aguardando. Aguardando o quê? Nem nós dois sabíamos com alguma limpidez. A impossibilidade de uma intenção aberta produzia essa luta arrendendo em vácuo. O guri meu colega de escola estava nesse exato minuto me prendendo. Seu corpo em cima do meu parecia tão forte que eu teria de me render. O que sentiriam os rendidos? E as conseqüências práticas, quais seriam? Conteí de um colega cujos pêlos do pentelho —, aliás, com um futuro ruivo, começavam a nascer. Pentelho? Eu trouxe a novidade pronunciando por ignorância a última vogal como um "a". Os pêlos apareciam primeiro na região da virilha, nas laterais, portanto. Ou mais embaixo um pouco, quase no saco. Nunca ouvira falar antes desse tufo encrespado a encobrir o sexo parcialmente. Na minha drástica compreensão, esses fios emaranhados deveriam coroar a escalada sexual. Coroar de algum modo que agora me fugia. O que viria depois da floração da pequena juba parecia ainda

muito distante, se é que poderíamos contar com alguma outra grande novidade na genitália em botão. Acreditávamos os dois que a excitação de um corpo conheceria a plenitude com a chegada do pentelho. A luxúria adulta estava então lançada. Vivíamos padecendo no aguardo da bendita erupção. A auréola capilar, em volta do reinado genital, não emergiria apenas com a função de proteger o paraíso. A excitação preliminar vinha justamente da manipulação dessa macega, geralmente mais escura que os cabelos. Para alguns, os pêlos representavam o ápice da foda também. Tocá-los no início, para outros, seria um ato inspirador para o que se seguiria no curso do encontro. Ao atravessar o matinho cerrado, chegava-se ao centro pubiano, de onde se irradiavam os pontos mais lúcidos do deleite físico. Faltava saber agora como manusear o pentelho para se tirar partido de sua ascendência sobre a carne. E nós dois aqui no chão do corredor jurávamos, calados, inimizade sem fim. Então o guri que me esmagava desenhou o gesto de me estrangular e então enfiei a mão por entre os corpos e peguei com gana o pau dele duro. Foi o que bastou para ele retirar seu peso de cima do meu corpo ainda franzino. Soltos agora daquele enrijecido abraço, suspirávamos em quase gemidos. O ruído aflitivo da broca não cessava. A possibilidade de sermos pilhados pelo dentista mais dramatizava o sentimento meio fosco entre o gozo e sua imediata negação. Para fugirmos do dilema, lutávamos, lutávamos sempre mais, rolávamos. Fomos abaixando nossas calças curtas e ficamos de joelhos, um de costas para o outro. Essa posição, talvez, servisse para nos camuflar um pouco diante de algum brusco olhar com bom trânsito no prédio. Foi assim que lançávamos nossos ferrões de forma branca, para amaldiçoar aquelas sensações que não teríamos mais como revalidar pelo resto de nossas

biografias. Nunca mais sentiríamos tanto tesão por outra matéria tão improvável quanto a nossa. Mesmo sem ainda condições de ejacular, em razão do organismo ainda verde, dessa tarde restou um deleite naufragado, deleite que nunca mais consegui atizar. O amasso oblíquo de hoje não deveria interferir nas aulas de amanhã. Os nossos pintos se antecipavam à idade adulta, subiam como gente grande, mas ainda não chegavam à metade do tamanho de um peru maduro. Quanto à ejaculação, por enquanto esse item perdia para a força catalisadora do pentelho. Desconhecíamos a aparência do líquido que nos acompanharia pela vida toda. Sabíamos que o sexo deveria ser feito entre um homem e uma mulher e que dessa luta em meio aos lençóis se gestaria a criança, essas crianças correndo por tudo como nós. O nosso abraço belicoso fora uma situação que só poderia ter sido vivida porque se desgarrara da história principal. O vento acabou varrendo-a para o lixo. Éramos moleques que se reinventavam a cada sinal da puberdade. Meu pai me dera um livro sobre as coisas do sexo, cujo autor, João Mohana, pontificava como padrego que era. Nunca punhetei tanto quanto durante a leitura desse manual. Várias páginas manchadas pelos jatos de minha grande novidade da época —, sim, o sêmen. O fato de se estar ali, de pinto duro, não poderia ter sido previsto, mas agora acontecia, e ninguém se dava conta se era um disparate ou simplesmente uma iniciação ao transe. Comparávamos nossos cacetes: eu com uma glande ainda renitente para sair do ninho do prepúcio, e o meu colega exibindo um pau com a glande liberta do prepúcio, glande orgulhosa em tons de rosa e roxo. Contávamos com a ameaça de o dentista abrir a porta a qualquer momento e nos flagrar no árduo impasse carnal. O perigo constituía-se num ingrediente tentador a mais para um novo arranque

do erotismo, naquela dispersão erógena da infância. Tudo doía, pois não havia gozo que pudesse persistir só para si mesmo, sem transbordar em alguma instância aflita. Parecíamos mais uma vez dispostos para a briga. Naquele ponto eu já sabia: a animosidade seria abastecida de novo pela atração. E o meu amigo sabia, ou era bronco de pele? Embora investido de seu corpo tanto quanto eu, sua ficha talvez ainda não caíra para o fato de que aquele abraço túmido era prazer e que a partir dali não nos cansaríamos mais de repeti-lo. Vício. Não nos perdoávamos justamente em razão do pendor que cada um sentia pelo outro. O lusco-fusco do corredor mostrava-se cúmplice daquilo que queríamos desbravar e matar ao mesmo tempo. A permissividade evocada pela penumbra, no entanto, não bastava para pôr fim à nossa difusa desavença. Tanto nos esfregávamos brigando que nossos corpos ficavam aqui e ali bem rubros, unhadados até. Em certos pontos do meu corpo apareciam profundos arranhões —, um deles até tirava sangue. Parecíamos répteis serpenteando, deitados de lado, agora frente a frente. Onde o corpo de um recuava, o do outro avançava. De repente, aflito, trêmulo, o guri me trouxe o cu para perto da minha boca. O cu cheirava, um cheiro de intimidade abusiva, mas não havia como desdenhar essa intimidade, pois era justamente ali que eu viajava inebriado no mais secreto dele, sem nada pedir ou oferecer, sem nada pensar. Eu solenemente escondia dele o meu envolvimento com seu cu. Era justamente ali que a vontade de se misturar mais me tomava. Cheguei bem perto e lambi. Ele estremeceu. Aquilo que ele pretendia com certeza esconder da higiene adulta, aquilo era uma espécie de sagração da inconveniência, um verdadeiro ópio aos aspirantes do gozo. Vinha-me então esse gosto condenado na boca, gerando mais e mais excitação, o

transe até. Preferia estar ali, com o cu do menino na cara, a estar com minha fuça esterilizada pelos cadernos do dever diário. Juramos não contar essa tarde a ninguém. Nunca. Nós a enterrávamos um pouco em cada um e, quando estivessemos crescidos, a imagem da luta no chão frio já estaria esfarelada, sem que soubéssemos reaver os fragmentos. E nos fizemos de túmulo, para enterrar de vez o brinquedo que cada um criara no corpo do colega. Corri para a rua abandonando o garoto com seu cheiro de entranhas. Esse menino sempre dizia que quando crescesse seria engenheiro. Eu não falava nada. Encostei-me tantos anos depois num poste, para fumar mais um cigarro ao fim de um dia puxado na minha vida de massagista, lá pelos idos de minha alta adolescência. Precisava trabalhar, meu pai passava por sérias dificuldades. A memória do garoto que me confiara seu território mais secreto ocorreu-me do aceno de uma imagem quase invisível, durante a última massagem do dia. Era verão, e, ganhando um pouco de frescor do ventilador ruidoso, toquei no novo corpo que se apresentava às minhas mãos. Era de um homem, e aquele homem, eu não sabia a razão, me reintroduzia na luta teatral no escuro do corredor, havia alguns bons anos. Sim, seus traços eram impressionantes. De fato, lembravam o guri... Perguntei-me se a pele não vinha justamente dos poros do amigo que planejava na infância ser um engenheiro, próximo e distante. Aquele corpo entregue às minhas mãos lembrava a prosa intestina do corredor escuro. Aquele corredor acolhendo o ruído arrepante da broca do dentista. A poesia vinha do silêncio mascado que o meu cliente de massagem me dedicava... De repente ele pediu licença, tirou o chiclete da boca, pediu um cinzeiro para depositar a goma, e a partir daí ele veio a sugerir mais do que nunca o ninho penumbroso dos meus tem-